

A CONSTRUÇÃO DA INCREDULIDADE: QUANDO A FAMÍLIA NÃO RECONHECE A AGRESSÃO EM RELACIONAMENTOS NARCÍSICOS

Natana Crespo dos Santos Machado¹;

¹Universidade Estadual do Norte Fluminense Darci Ribeiro (UENF), Campos dos Goytacazes, RJ. <http://lattes.cnpq.br/7498943261889994>

Ivana Maria Peres Morgado Carvalho²;

²Universidade Estadual do Norte Fluminense Darci Ribeiro (UENF), Campos dos Goytacazes, RJ. <http://lattes.cnpq.br/3404925083796196>

Adriano Barros Rangel³.

³Universidade Estadual do Norte Fluminense Darci Ribeiro (UENF), Campos dos Goytacazes, RJ. <http://lattes.cnpq.br/6545786700602569>

RESUMO: A violência em relacionamentos marcados por dinâmicas narcísicas frequentemente ultrapassa a relação entre agressor e vítima, envolvendo também mecanismos familiares de negação, minimização e descrédito da agressão. O presente estudo tem como objetivo analisar a construção da incredulidade diante dos relatos de violência em relacionamentos narcísicos, compreendendo-a como fenômeno psíquico e social. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter exploratório, fundamentada em autores da psicanálise, sociologia e teoria feminista. Os resultados indicam que a incredulidade funciona como mecanismo de defesa individual e coletivo, destinado à preservação da imagem familiar idealizada e das estruturas simbólicas que sustentam relações de poder. A negação do sofrimento produz efeitos significativos na subjetividade da vítima, contribuindo para o isolamento, a culpa e a dificuldade de ruptura com relações abusivas. Conclui-se que o reconhecimento da violência exige não apenas validação individual da vítima, mas também o enfrentamento das estruturas simbólicas e culturais que favorecem a manutenção do silêncio e da violência.

PALAVRAS-CHAVE: Narcisismo. Violência simbólica. Relações familiares.

THE CONSTRUCTION OF DISBELIEF: WHEN THE FAMILY DOES NOT RECOGNIZE ABUSE IN NARCISSISTIC RELATIONSHIPS

ABSTRACT: Violence in narcissistic relationships often extends beyond the victim-aggressor dyad, involving family mechanisms of denial, minimization and disbelief. This study aims to analyze the construction of disbelief regarding reports of abuse in narcissistic relationships, understanding it as both a psychological and social phenomenon. This is a qualitative and exploratory bibliographic study based on psychoanalytic, sociological and feminist theories. The findings suggest that disbelief functions as an individual and collective defense mechanism aimed at preserving idealized family images and symbolic structures

of power. The denial of suffering produces significant impacts on the victim's subjectivity, contributing to isolation, guilt and difficulties in breaking abusive bonds. The study concludes that recognizing violence requires not only validating the victim's experience but also confronting the symbolic and cultural structures that sustain silence and abuse.

KEYWORDS: Narcissism. Symbolic violence. Family relationships.

INTRODUÇÃO

As relações afetivas ocupam lugar central na constituição da subjetividade humana, sendo tradicionalmente associadas a experiências de cuidado, reconhecimento e construção de vínculos. Entretanto, nem todas as relações amorosas se desenvolvem em contextos de reciprocidade e respeito. Em determinadas circunstâncias, os vínculos afetivos tornam-se espaços de dominação, manipulação emocional e violência psicológica, produzindo impactos profundos na saúde mental e na identidade dos indivíduos envolvidos.

Nas últimas décadas, o aumento das discussões sobre violência psicológica, abuso emocional e relacionamentos abusivos possibilitou maior visibilidade para formas de violência que historicamente permaneceram invisibilizadas por não deixarem marcas físicas aparentes. Nesse contexto, os relacionamentos caracterizados por dinâmicas narcísicas têm despertado crescente interesse acadêmico e social, sobretudo em razão dos mecanismos de manipulação, controle e desqualificação subjetiva frequentemente presentes nessas relações.

Embora o conceito de narcisismo tenha sido inicialmente desenvolvido por Sigmund Freud (1914) para compreender aspectos constitutivos da formação psíquica, pesquisas contemporâneas apontam que determinadas manifestações narcísicas podem comprometer significativamente a capacidade de reconhecer o outro como sujeito autônomo. Nessas circunstâncias, o parceiro afetivo passa a ser percebido como extensão do próprio ego, tornando-se objeto de controle, idealização ou desvalorização, conforme as necessidades psíquicas do indivíduo narcísico.

Uma das características mais marcantes dessas relações é a dificuldade encontrada pelas vítimas para obter reconhecimento social de seu sofrimento. Diferentemente das formas explícitas de violência física, a violência psicológica frequentemente opera por meio de mecanismos sutis, como manipulação emocional, desqualificação constante, gaslighting, culpabilização e isolamento social. Tais práticas produzem sofrimento intenso, mas muitas vezes não são reconhecidas por familiares, amigos ou pelas próprias instituições responsáveis pelo acolhimento e proteção das vítimas.

Nesse cenário emerge o fenômeno da incredulidade, compreendido como a tendência de desacreditar, minimizar ou relativizar os relatos de violência apresentados pela vítima. Esse processo não ocorre de forma isolada, mas encontra respaldo em estruturas culturais, familiares e simbólicas que influenciam a forma como o sofrimento é interpretado socialmente. Muitas vezes, a preservação da imagem familiar, a idealização de determinados papéis sociais ou mesmo a dificuldade de admitir a existência da violência

contribuem para a invalidação da experiência vivida pela vítima.

Segundo Bourdieu (2002), as relações de dominação tendem a se perpetuar por meio da violência simbólica, mecanismo que naturaliza desigualdades e legitima determinadas formas de poder. Nessa perspectiva, a incredulidade não representa apenas uma reação individual, mas um fenômeno social sustentado por estruturas que definem quais narrativas possuem legitimidade e quais experiências são consideradas dignas de reconhecimento.

As contribuições de Judith Butler (2015) e Axel Honneth (2003) permitem compreender que o reconhecimento social constitui elemento fundamental para a construção da identidade e para a elaboração do sofrimento. Quando a vítima encontra descrédito em seu círculo familiar ou social, ocorre não apenas a continuidade da violência originalmente sofrida, mas também a produção de novas formas de vulnerabilidade psíquica decorrentes da invalidação de sua experiência.

Diante dessas reflexões, o presente estudo busca analisar a construção da incredulidade diante dos relatos de violência em relacionamentos narcísicos, compreendendo-a como fenômeno atravessado por mecanismos psíquicos, familiares e socioculturais. Ao investigar os processos que levam ao descrédito da palavra da vítima, pretende-se contribuir para a ampliação do debate sobre violência psicológica, reconhecimento social e relações de poder na contemporaneidade.

OBJETIVO

Analisar como o narcisismo, as dinâmicas familiares e as estruturas simbólicas de poder contribuem para a negação da violência e para a construção da incredulidade diante dos relatos de vítimas em relacionamentos abusivos.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, qualitativa, de natureza básica e caráter exploratório. O estudo foi desenvolvido a partir da análise de obras clássicas e contemporâneas da psicanálise, sociologia e estudos de gênero. Foram utilizadas contribuições teóricas de Sigmund Freud, Pierre Bourdieu, Judith Butler, Heleieth Saffioti, Rita Segato, Axel Honneth, Michel Foucault e Byung-Chul Han, além de pesquisas recentes sobre narcisismo e relações afetivas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da literatura permitiu identificar que a incredulidade diante dos relatos de violência em relacionamentos narcísicos constitui um fenômeno multifatorial, resultante da articulação entre mecanismos psíquicos, estruturas familiares e dispositivos socioculturais de poder. Os estudos revisados demonstram que a negação da violência não ocorre apenas pela ausência de evidências materiais, mas pela existência de sistemas simbólicos que regulam quais narrativas são consideradas legítimas e quais experiências podem ser reconhecidas socialmente como sofrimento.

No campo psicanalítico, Freud (1914) compreende o narcisismo como elemento estruturante da constituição subjetiva. Entretanto, quando assume formas defensivas rígidas, pode produzir intensa necessidade de preservação da autoimagem, dificultando o reconhecimento de aspectos que revelem fragilidade, fracasso ou violência. Nesse sentido, a família pode funcionar como extensão narcísica do sujeito, buscando manter uma imagem idealizada de harmonia e estabilidade. Assim, a revelação de situações de abuso representa uma ameaça à identidade simbólica do grupo familiar, favorecendo mecanismos de negação e descrédito.

Florido et al. (2024) observam que as relações contemporâneas frequentemente são atravessadas por investimentos narcísicos que privilegiam a manutenção da autoimagem em detrimento do reconhecimento da alteridade. Nessas circunstâncias, o outro deixa de ser percebido como sujeito autônomo e passa a ocupar uma posição instrumental na confirmação da identidade idealizada do indivíduo. Tal dinâmica contribui para a minimização do sofrimento da vítima e para a legitimação de práticas de manipulação emocional.

Os resultados também indicam que a incredulidade se manifesta por meio de estratégias discursivas recorrentes, tais como a minimização da agressão (“não foi tão grave”), a relativização da violência (“todo casal briga”), a inversão de culpa (“você também provocou”) e a patologização da vítima (“você está exagerando”). Essas formas de desqualificação não apenas enfraquecem a credibilidade do relato, mas também operam como mecanismos de violência simbólica.

A partir da perspectiva de Pierre Bourdieu (2002), compreende-se que a violência simbólica se exerce por meio de categorias de percepção socialmente internalizadas, fazendo com que relações de dominação sejam interpretadas como naturais. Segundo o autor, a força desse mecanismo reside justamente em sua invisibilidade, uma vez que os próprios sujeitos passam a reproduzir esquemas que sustentam sua subordinação. Dessa forma, a desconfiança em relação à palavra da vítima não se apresenta como ato explícito de violência, mas como manifestação de estruturas simbólicas profundamente enraizadas na cultura.

Essa discussão dialoga diretamente com as reflexões de Heleieth Saffioti (2015), para quem a violência de gênero deve ser compreendida como fenômeno estrutural associado à organização patriarcal da sociedade. A autora argumenta que as relações de dominação masculina produzem condições que favorecem a naturalização da agressão e a relativização do sofrimento feminino. Nesse contexto, a incredulidade não representa um comportamento isolado, mas um efeito das hierarquias de gênero que historicamente atribuem maior legitimidade à voz masculina.

A contribuição de Rita Segato (2016) amplia essa análise ao afirmar que a violência contra as mulheres possui caráter pedagógico e simbólico. Para a autora, a agressão funciona como mecanismo de reafirmação das hierarquias patriarcais, ensinando socialmente quais lugares devem ser ocupados por homens e mulheres. Sob essa perspectiva, desacreditar a vítima constitui estratégia de manutenção dessas relações de poder, impedindo que a

denúncia produza transformações na ordem social estabelecida.

Os achados também evidenciam a relevância do conceito de reconhecimento desenvolvido por Judith Butler (2015). A autora argumenta que determinadas experiências apenas se tornam inteligíveis dentro de quadros normativos que definem quais vidas são consideradas dignas de proteção e quais sofrimentos são reconhecidos como legítimos. Assim, quando a experiência da vítima desafia narrativas familiares idealizadas ou padrões culturais dominantes, seu relato tende a ser recebido com desconfiança e descrédito.

Essa problemática aproxima-se ainda das reflexões de Axel Honneth (2003), que compreende o reconhecimento como condição fundamental para a constituição da identidade e da autoestima. Quando a vítima encontra apenas descrédito ou negação, ocorre uma experiência de desrespeito que compromete sua autoconfiança e sua capacidade de elaborar simbolicamente o trauma vivido. A ausência de reconhecimento produz, portanto, danos subjetivos que se somam à violência originalmente sofrida.

Nesse sentido, os estudos analisados permitem compreender que a incredulidade gera aquilo que pode ser denominado dupla violência. A primeira refere-se à agressão vivenciada na relação abusiva; a segunda corresponde à negação social do sofrimento, manifestada por meio da invalidação da narrativa da vítima. Essa segunda forma de violência tende a aprofundar sentimentos de isolamento, vergonha, culpa e insegurança, dificultando o rompimento dos vínculos abusivos.

Por fim, as reflexões de Byung-Chul Han (2017) contribuem para compreender a forma como a violência contemporânea opera por mecanismos cada vez mais sutis e invisíveis. Segundo o autor, as sociedades atuais frequentemente neutralizam o sofrimento por meio de processos de invisibilização e silenciamento. Nessa perspectiva, a incredulidade pode ser compreendida como uma modalidade contemporânea de violência simbólica, capaz de deslegitimar a experiência da vítima sem recorrer à agressão física direta.

Desse modo, os resultados apontam que a construção da incredulidade não é um fenômeno individual ou circunstancial, mas uma prática social sustentada por estruturas narcísicas, patriarcais e simbólicas que regulam o reconhecimento do sofrimento. Compreender tais mecanismos torna-se fundamental para a formulação de estratégias de acolhimento, proteção e intervenção capazes de romper os ciclos de violência e promover a validação da experiência das vítimas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa permitiu compreender que a incredulidade diante dos relatos de violência em relacionamentos narcísicos ultrapassa a esfera individual e deve ser analisada como fenômeno complexo, produzido pela interação entre fatores psíquicos, familiares, culturais e estruturais. A partir do diálogo entre a psicanálise, a sociologia e os estudos de gênero, tornou-se possível identificar que o descrédito atribuído à palavra da vítima não decorre apenas da ausência de provas materiais da violência, mas da existência de mecanismos simbólicos que regulam o reconhecimento do sofrimento.

Os resultados evidenciaram que a família frequentemente desempenha papel ambíguo nesse processo. Embora tradicionalmente seja concebida como espaço de proteção e acolhimento, pode também atuar como instância de reprodução de silenciamentos, especialmente quando o reconhecimento da violência ameaça narrativas idealizadas sobre seus membros ou sobre a própria instituição familiar. Nesses casos, mecanismos como negação, minimização, relativização e inversão de culpa funcionam como estratégias de preservação da estabilidade simbólica do grupo, ainda que à custa do sofrimento da vítima.

A análise permitiu observar que a violência psicológica presente em relacionamentos narcísicos produz consequências que ultrapassam o período da relação abusiva. O constante processo de desqualificação da percepção da vítima compromete sua autoconfiança, fragiliza sua capacidade de julgamento e interfere diretamente na construção de sua identidade. Quando a essa experiência soma-se a incredulidade familiar e social, ocorre aquilo que pode ser compreendido como uma segunda violência: a negação da legitimidade do sofrimento vivido.

As reflexões desenvolvidas ao longo deste estudo reforçam a importância das contribuições de autores como Bourdieu, Butler, Honneth, Saffioti e Segato para a compreensão das formas contemporâneas de violência. Tais perspectivas evidenciam que o reconhecimento do sofrimento não constitui apenas questão individual ou emocional, mas envolve disputas simbólicas relacionadas ao poder, ao gênero e à legitimidade das narrativas sociais.

Do ponto de vista prático, os achados desta pesquisa apontam para a necessidade de fortalecimento de estratégias de acolhimento e escuta qualificada em diferentes espaços institucionais, incluindo serviços de saúde, assistência social, educação e sistema de justiça. Reconhecer a palavra da vítima representa etapa fundamental para a interrupção dos ciclos de violência e para a reconstrução da autonomia subjetiva daqueles que vivenciaram experiências abusivas.

Por fim, destaca-se que o fenômeno da incredulidade ainda permanece relativamente pouco explorado na produção científica brasileira, especialmente quando associado às dinâmicas narcísicas nos relacionamentos afetivos. Nesse sentido, espera-se que este estudo contribua para ampliar o debate acadêmico sobre o tema e estimule novas investigações capazes de aprofundar a compreensão dos mecanismos sociais e subjetivos que sustentam o silenciamento das vítimas. Compreender a violência implica também compreender os processos que impedem seu reconhecimento, pois somente a partir da validação da experiência do sofrimento é possível construir caminhos efetivos de cuidado, proteção e transformação social.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1914.

HAN, Byung-Chul. **Topologia da violência**. Petrópolis: Vozes, 2017.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Editora 34, 2003.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SEGATO, Rita Laura. **La guerra contra las mujeres**. Madrid: Traficantes de Sueños, 2016.